



BRUNO HORTA **ANTÔNIO** HELENA SOARES
VARIAÇÕES

UMA BIOGRAFIA





A invenção de si

António Joaquim Rodrigues Ribeiro ficou pronto para ser António Variações quando, aos 31 anos, regressou a Portugal depois de dezoito meses em Amesterdão.

Esse momento fundador dá-se em 1976, o mesmo ano em que lhe morre o pai, o que pode ter feito cair obstáculos que impediam o homem e o artista de se fundirem e afirmarem nos termos que hoje reconhecemos — sem moldes feitos, na exacta medida da sua vontade.

António tinha estado mais de três décadas a tactear o mundo e, por fim, encontrava a saída criativa, a expressão singular, o eu-espectáculo construído a pulso e embrulhado numa identidade que já não podia continuar fechada no armário.

É certo que o primeiro contrato discográfico é de 1977 e que o primeiro disco só surge em 1981. Mas 1976 é *o ano*. Marca o antes e o depois em António. É quando ele finalmente muda de vida porque não está satisfeito. Troca a aparência rústica por um visual flamejante, encosta o cosmopolita ao minhoto, acrescenta o cantor ao barbeiro.

«A criança que fui ainda vive e continua inteira», afirmará, como quem diz que nunca se esqueceu das raízes ou talvez a evidenciar um traço essencial de personalidade: o místico que reparou no já conhecido e fez sempre de conta que via o novo. Paulino Vieira, um dos músicos que em Fevereiro de 1984 o acompanham na gravação do álbum *Dar & Receber*, reconheceu-o bem nessa natureza: Eu e ele nem sequer conversámos muito, porque para o António Variações era como se tudo já estivesse dito.»

Fugaz como um cometa que se alimenta da chama que o há-de consumir, viveu por apenas três anos na música profissional e morreu antes dos 40. Mas, à medida que o tempo passa, mais viva se torna a lenda.





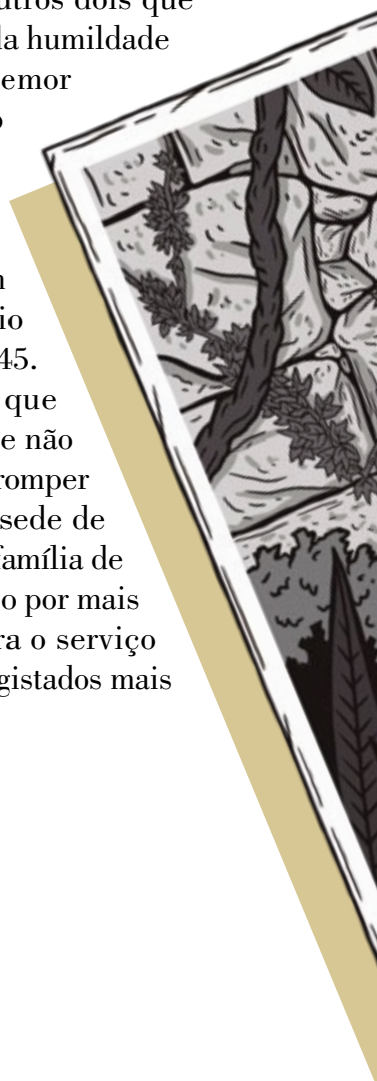
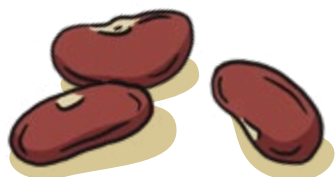


Estou Além

António Joaquim Rodrigues Ribeiro nasceu numa época pobre e triste. Veio ao mundo num domingo, dia 3 de Dezembro de 1944, numa típica casa de granito do Minho, situada no lugar do Pilar, freguesia de Fiscal, concelho de Amares, distrito de Braga. Os pais, de origem humilde, eram ambos naturais da mesma freguesia: Jaime Ribeiro (1912-1976), trabalhador rural, e Deolinda de Jesus Ribeiro (1913-2003), costureira e doméstica. Nos confins de um vale profundo, a aldeia tinha pouco mais de cinquenta habitantes, que se acolhiam nas imediações da velha Capela de Santo António, envoltos por campos verdes a perder de vista e com o Santuário de Nossa Senhora do Sameiro por horizonte.

António foi o quinto de uma descendência de doze, depois de João Manuel (1936-2001), José António (1937-2016), Maria de Lourdes (1939) e Delfim (1942-2015), todos nascidos naquela mesma habitação de pedra conhecida como Casa dos Farmacêuticos por ter uma farmácia no rés-do-chão. A eles se juntariam os irmãos Maria Amélia (1948), Jaime José (1951), Luiz José (1952), Maria de Fátima (1954) e Carolino Alberto (1958), havendo outros dois que morreram ainda bebés. São todos criados nos valores da humildade e da catequese, na rudeza da terra e do tempo, no temor ao salazarismo e às privações, com caldos de feijão e couve-galega, e carne ou peixe só uma vez por semana.

Numa terra profundamente arcaica, onde os filhos eram força de trabalho que ajudava à subsistência, António só foi registado um mês depois, a 3 de Janeiro de 1945. Até meados do século XX, registar um filho assim que nascia estava longe dos hábitos de uma população que não sabia ler nem escrever, muitas vezes incapaz de interromper a pesada rotina do campo ou sem dinheiro para ir à sede de concelho tratar dos papéis. A essas razões, no caso da família de António, parece juntar-se uma outra: o pai queria o filho por mais um ano a ajudar a família antes de ser chamado para o serviço militar obrigatório (todos os rapazes da família foram registados mais tarde, o que não aconteceu com as raparigas).



António Joaquim
Rodrigues Ribeiro





Deolinola
de Jesus



Em Braga, a taxa de analfabetismo situava-se nos 54,2%. Mas Deolinda de Jesus não pertencia a esta impressionante estatística, pois tinha aprendido com uma costureira os rudimentos das letras e dos números que, mais tarde, ela própria transmitiu ao marido.

Franzina mas rija, disciplinada e disciplinadora, não permitia aos filhos que saíssem dos eixos. A realidade era agreste, sem condescendências. Já a relação entre irmãos, descambava muitas vezes em tareias e insultos, o que era comum em famílias grandes e foi sentido pelo próprio António como «um clima saudável», próprio de uma «meninice feliz».

Para além de tratar das crianças, da casa e dos trabalhos de costura, Deolinda de Jesus cozia pão às sextas-feiras, e às quartas ia à localidade vizinha da Feira Nova vender figos, laranjas, tangerinas ou couves e com esse rendimento comprava sardinhas ou carapaus em porções minguadas. Ainda assim, conseguia ser uma mulher espirituosa, com gracejos que soltavam gargalhadas aos que lhe estavam próximos. Outro compromisso indiscutível era a ida diária à missa, pela alvorada, em que escolhia um dos filhos à vez para a acompanhar, obrigando-os a rezar o terço todos juntos antes de irem dormir.





Jaime Ribeiro



O marido, filho de Manuel Ribeiro e de Teresa Maria Ferreira, homem de baixa estatura, muito rijo a enfrentar a vida e muito mole de coração, surgia como figura afectiva. Cuidava do sustento da casa o mais que podia e ao trabalho na terra por conta de um patrão juntava biscates de madeireiro, cantoneiro, carpinteiro e pedreiro, tendo conseguido tornar-se cobrador da Casa do Povo de Fiscal nos anos 50, com funções aos sábados e domingos — sem nunca largar a vida do campo.

O Tonito, como é tratado pela família, estuda na Escola Primária de Fiscal e logo se revela um dos melhores alunos, muito calado e de emoções contidas, atento ao que diz o professor e mais interessado em aperfeiçoar a caligrafia do que nas traquinices daquela idade. Ajuda, contrariado, nos trabalhos do campo e na apanha de erva para a criação de coelhos.

Ao concluir a quarta classe, a sina do estrato social a que pertence só lhe apresenta dois caminhos: viver agarrado à enxada ou aprender um ofício. O pai quere-o por perto, mas não a cuidar da terra, que considera uma servidão, optando por mandar o rapaz para Caldelas, a uma hora a pé, para que se faça marceneiro numa pequena fábrica de brinquedos de madeira. Com apenas 9 anos, o Tonito não vê ali qualquer futuro ou fascínio e, com birras constantes, revela o descontentamento ao pai, teimando que nunca fará dele operário, o que várias vezes lhe merece cinturadas e berros para que se faça ao caminho.

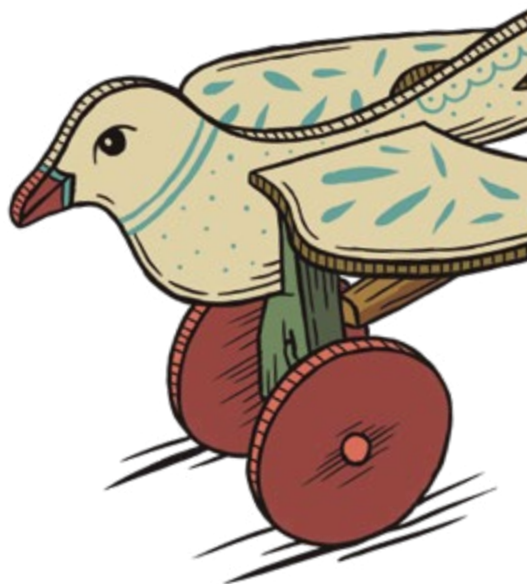




Na família ficou célebre um episódio destes. Um dia, já cansado, o pai perdeu o amor às leiras de alhos, cebolas e tomates que geometricamente abria no eido em frente à casa e espezinhou-as no encalço do filho rebelde, que se recusava a ser castigado pelos impropérios repetidos contra o trabalho na fábrica. E, por fim, foi mesmo castigado.

Face a esta realidade, António percebe que tem de trocar as voltas ao destino. Na ambígua atitude de quem, estando longe, ficará para sempre ligado à origem, anuncia que vai rumar a Lisboa. Quer seguir os passos dos irmãos João, José e Lourdes, já instalados na capital, cada um à sua maneira, na busca de uma vida com algum desafogo. A linhagem foi marcada pela emigração desde meados do século XIX — França e Brasil, sobretudo — e, por isso, não espanta que António e os irmãos façam parte dessa diáspora.

Será a isso que ele se refere mais tarde, já cantor, quando escreve a letra de *Estou Além*, uma das canções do maxi-single de estreia (novamente incluída no LP *Anjo da Guarda*, de 1982):



Não sei de que é que eu fujo
Será desta solidão
Mas porque é que eu recuso
Quem quer dar-me a mão
Tenho pressa de sair
Quero sentir ao chegar
Vontade de partir
Pra outro lugar.



Em Janeiro de 1956, com apenas 11 anos, chega a Lisboa de comboio, num fato emprestado do irmão Delfim, com uma mala solitária e um terço a acompanhá-lo. A despedida lá na terra só pode ter sido difícil: o pai não foi capaz de enfrentar a certeza de que o filho partia para sempre e refugiou-se no quintal para poder chorar sozinho. Uma recriação dessas circunstâncias surgirá na letra da canção *Olhei Pra Trás* (que chegou a chamar-se *Olhar Para Trás*, antes da edição definitiva em disco):





Já fiz exame da quarta classe
Já fiz a comunhão solene
Pra pensar na vida já tenho idade
Mãe, quero ir ganhar dinheiro
Pai, quero ir para a cidade.

António leva uma carta de recomendação, reza aquela cantiga, dirigida ao Sr. Coelho, dono de uma mercearia em Santa Apolónia, onde fica como empregado de balcão e moço de recados. A noção de trabalho infantil está tão distante da mentalidade da época que o Estado define desempregado como o «cidadão maior de 10 anos que já exerceu uma profissão e procura empregar-se novamente».

Arrenda um quarto na casa de uma idosa que vive com a filha, na Rua do Vale de Santo António, n.º 167, entre o sítio da mercearia e o Largo da Graça, e em Julho desse ano regressa à terra por poucos dias para fazer o exame da quarta classe, de que sai aprovado. Vêm aí tempos de desgosto e superação.